



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR—JOAQUIM CARDOSO

Pedágio e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. teleg. Talhava—Lisboa • Telephone: ?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A reacção avança

Para que nega-lo? Faze-lo equivale a fechar os olhos, a tapar os ouvidos, para não querer ver, para não querer ouvir o que é demasiadamente notório.

Sobre o mundo rola impetuosamente uma vaga furiosa de reacção politico-militarista, que procura subverter tudo o que representa uma conquista de liberdade popular, para garantir ao capitalismo a impunidade da sua perversa ação, para permitir à burguesia o seu predominio de casta espoliadora.

A guerra, originada nas deficiências e nos antagonismos do organismo capitalista da sociedade, veio, com as suas violentas sacudidelas e com as suas expressivas exigências em vidas e em materiais e produtos de toda a espécie, desorganizar profundamente a já caótica e arbitrária estrutura do regime político-económico e social em que vivem os povos.

O abalo sofrido foi tão grande que a situação das classes até hoje preponderantes, está sériamente ameaçada, elas sofre as consequências da falsa harmonia que liga os inimigos e as classes.

E na face dessa ameaça que, realizando-se, dará fim a uma civilização, em que o roubo capitalista e a opressão política são os estígmas principais do seu aniquilamento, a classe burguesa lança mão de todas as violências, obscurada como está de que encontrarão, no uso e abuso da força a sua salvação, para adquirir o poderio que presente perilitante, após a horrívora carnificina em que lançou o mundo.

Por toda a parte o sangue do povo corre em holocausto à continuação do predominio burguês. Os protestos populares contra a carestia da vida, as greves operárias contra a exploração patronal, os movimentos de revolta das populações irritadas pela dupla tirania dos governantes e dos exploradores do trabalho, são reprimidos com uma ferocidade inaudita. A's reclamações dos trabalhadores, às suas greves vitoriosas ou vencidas, respondem o patronato com um desdém insolente e com uma atitude desesperadora, tornando a vida cada vez mais difícil, quebrando assim toda a ação benéfica e colectiva do operário.

A reacção avança, e é preciso que temos a coragem de encarar a situação tal qual ela se nos apresenta. Não arquitemos nos nossos cérebros, nem procuremos incutir nos outros, vítimas como nós dos detentores da riqueza social, os sonhos consoladores de que o fim da exploração capitalista está próximo, que a vitória do proletariado será fácil, porque a burguesia não resistirá, pois isso não representa mais que a manifestação de quimeras rissonhas, filhas dum exagerado otimismo e aniquiladoras da vontade colectiva, que se fica à espera da queda da burguesia, como o arabe que espera que do céu caiá o precioso maná, que lhe há de dar o vigor que o seu trabalho poderia proporcionar-lhe.

Mais, não cantemos hinos vitoriosos do próximo e fácil aniquilamento do mundo burguês, cantemos os antes canções dos nossos sofrimentos e dos nossos anseios de libertação, e marchemos confiados na justiça da nossa causa, que nos há de dar a vitória, é certo, mas não alberguemos a ilusão de que a derrotada classe adversária se conseguirá facilmente, se não queremos ser vítimas da mais desoladora das surpresas.

Não façamos o que faz o vidente medroso, que para se animar, pretendendo mostrar aos outros uma coragem que não possui, despega a cantar, em alto grito, as canções mais alegres, ao atravessar um caminho que lhe dizem infestado de bandidos.

Em França

Loriot é preso, acusam-no de tentar contra a segurança do Estado

PARIS, 6.—O professor Loriot membro da federação socialista S. M. foi preso por incêndio no complot contra a segurança do Estado. —H.

Segundo um ministro marcha tudo excelentemente

PARIS, 6.—Um redactor do *Temps* interrogou o sr. Leetroquier, ministro das obras públicas, sobre a situação geral dos transportes.

A situação é excelente nos caminhos de ferro—disse o ministro, acentuando-se a apresentação do pessoal nas várias redes. A greve pode considerar-se virtualmente terminada.

Na parte relativa às minas, os operários dos centros principais do Norte e Pas de Calais trabalharam esta manhã, e sob o ponto de vista dos trabalhadores das docas, os principais trabalhos estão assegurados nos portos.

Quanto aos serviços marítimos, todas as partidas previstas no nosso programa e estabelecidas segundo uma ordem de urgência, puderam ser efectuadas. —H.

Em Espanha

Parece que tudo volta à normalidade.

VALENCIA, 5.—Já circulam os carros eléctricos, as casas comerciais reabriram e publicou-se um jornal. —H.

SARAGOÇA, 5.—Os grevistas retomaram o trabalho e as tropas regressaram aos quartéis. —H.

Tendo sido tirada pelo nosso camarada e amigo Adolfo Nunes, quando do almoço oferecido à redacção de *A Batalha*, por virtude da passagem do 1.º aniversário deste jornal, uma fotografia dos convivas que, conforme oportunamente noticiámos, foram em grande número, encarregava-se o nosso amigo Nascimento Cunha, um dos membros da comissão que promoveu o referido almoço, de fornecer exemplares da mesma fotografia a quem para tal efecto se lhe dirija dentro dum prazo curto.

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA



LOCUTORIO DUM INSURRECTO

De há uns tempos a esta parte, tem andado um jornal da manhã às turmas com outro jornal da manhã. A contenda tem decorrido violenta, e como sejam de amplos pulmões os contendores, meio mundo os tem ouvido; e são de três espécies os ouvintes: **primo**, os patrões, que tomam partido por uma das partes, supondo ingenuamente que à outra parte assiste a razão e a moral; **segundo**, os scepticos, que todos se deleitam e desvaneçam com presenciar essa batalha de lama em que ambos os contendores se atacam; **tercio**, os confiantes, aos quais faz pena um espetáculo revelador de tamanha decomposição moral. Porque o espetáculo revela de fato uma vasta e profunda podridão nas altas camadas da burguesia e da finança que, a não adoptar a gente a superior atitude dum Demócrata, por certo se sente envergonhado, como se sobre nós escorresse uma parte do pão em que meia humanidade mergulhou. As comadres ralharam; e é ver como as mazelas dum doutra vieram à superfície. Todavia, existem criaturas crédulas a ponto de julgarem a imprensa burguesa um sacerdócio, e puros como vestais os jornalistas respectivos. Num generoso intuito de tirar as ganhas dos olhos que as albergam, aqui se transcrevem uns bocadinhos extractados dum jornal da noite, de anteontem, que, apresentando a baixa dissensão, assim dizia:

Se o Século tivesse tratado essas questões no campo meramente ténico, embora errando, por as ter estudado mal, ou propositalmente para defender interessados pontos de vista, pelos quais ventura cobrasse espórtula, nós nada teríamos com isso.

Nada teríamos com isso, como quem diz: *nada vemos nisso de reprehável, o nosso governo é esse, todos nós andamos ao mesmo...*

Nada há que dizer, tam comum o facto se tornou, quando um jornalista defende interessados pontos de vista para dar a a espórtula precisa. O queso-bretzentalmente enfadado o supracitado jornal da noite é, não a essência venal da campanha, mas o tom acre da linguagem em que ela é feita. Isto sim, diz a gazeta aludida, *... isso fere os nossos brios de jornalistas e o respeito que devemos à missão da imprensa.* Os nossos brios de jornalistas, concordarão o leitor que é objecto. Para não dizermos que é descarado, do mais genuíno.

A reacção avança, e é preciso que não nos deixemos adormecer, confiando que a hora da redenção virá breve. É necessário que trabalhemos para apressar a sua vinda.

Não basta dar muitos vidas à revolução social, à Rússia Vermelha. Mais vale seguir o exemplo dos povos que se libertaram dos seus tiranos, mais vale que se responda em defesa da liberdade contra a reacção que avança, num descego de aniquilar todas as conquistas das passadas revoluções.

É preciso que cada indivíduo se prepare, o melhor possível, moral e intelectualmente, pondo em ação uma força de vontade equilibrada, que o leve a eliminar os efeitos dum pessima educação, que o tornaria quasi insociável; é necessário fazer tábua rasa de preconceitos mesquinhos e intolerâncias insuportáveis, para que possa viver numa sociedade mais livre e igualitária.

Apesar de tudo, a hora é ainda das direitas e das esquerdas, isto é, da reacção e da democracia, duas forças conservadoras que se debatem, e das quais o operariado não pode esperar a sua emancipação. Essa virá quando soar a hora do proletariado. Ela soará breve, se não nos limitarmos a esperar a queda da burguesia. Mas para isso é necessário que, ante a reacção que avança, não deixemos de dar corda ao poderoso relógio da revolução, desprezando a teoria que nos diz que esperemos pacientemente que os nossos irmãos de além fronteiras nos venham arrastar pelas orelhas para então conquistarmos a liberdade.

RURAIS DE EVORA

Desacordo sobre o resultado dum plebiscito

PARIS, 6.—O *Temps* julga saber que os quatro membros da comissão internacional do piblico do Sileswag, estão de acordo em propor que a primeira zona do piblico, que votou em bloco, e na qual uma maioria de 70 % se pronunciou a favor da Dinamarca, seja

Na parte relativa à segunda zona, que votou por comunas, e na qual a maior parte das comunas deu uma maioria alemã, no conjunto, há 28 % de votos dinamarqueses. Neste caso duas teses se apresentam. Os delegados britânicos e sucos recomendam a atribuição de toda a segunda zona à Alemanha; os delegados franceses e noruegues pelo contrário, fazem reservas na que diz respeito à região do este, e propõem entregar quatro comunas à Alemanha, e as restantes à Dinamarca, seja por completo atribuída a este país.

O caso é que se trata duma injustiça obstinada, porque as empresas, que se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam parade sempre que as companhias papeleiras, que não são dirigidas por proletários, mas por argumentários, lhes exigem o que querem—que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, bem mais onerosas, lhes são feitas, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, mas pagam.

O caso é que se trata dum atraso, porque a maioria das empresas, que se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam parade sempre que as companhias papeleiras, que não são dirigidas por proletários, mas por argumentários, lhes exigem o que querem—que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, bem mais onerosas, lhes são feitas, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, mas pagam.

O caso é que se trata dum atraso, porque a maioria das empresas, que se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam parade sempre que as companhias papeleiras, que não são dirigidas por proletários, mas por argumentários, lhes exigem o que querem—que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, bem mais onerosas, lhes são feitas, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, mas pagam.

O caso é que se trata dum atraso, porque a maioria das empresas, que se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam parade sempre que as companhias papeleiras, que não são dirigidas por proletários, mas por argumentários, lhes exigem o que querem—que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, bem mais onerosas, lhes são feitas, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, mas pagam.

O caso é que se trata dum atraso, porque a maioria das empresas, que se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam parade sempre que as companhias papeleiras, que não são dirigidas por proletários, mas por argumentários, lhes exigem o que querem—que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, bem mais onerosas, lhes são feitas, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, mas pagam.

O caso é que se trata dum atraso, porque a maioria das empresas, que se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam parade sempre que as companhias papeleiras, que não são dirigidas por proletários, mas por argumentários, lhes exigem o que querem—que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, bem mais onerosas, lhes são feitas, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, mas pagam.

O caso é que se trata dum atraso, porque a maioria das empresas, que se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam parade sempre que as companhias papeleiras, que não são dirigidas por proletários, mas por argumentários, lhes exigem o que querem—que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, bem mais onerosas, lhes são feitas, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, mas pagam.

O caso é que se trata dum atraso, porque a maioria das empresas, que se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam parade sempre que as companhias papeleiras, que não são dirigidas por proletários, mas por argumentários, lhes exigem o que querem—que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, bem mais onerosas, lhes são feitas, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, mas pagam.

O caso é que se trata dum atraso, porque a maioria das empresas, que se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam parade sempre que as companhias papeleiras, que não são dirigidas por proletários, mas por argumentários, lhes exigem o que querem—que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, bem mais onerosas, lhes são feitas, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, mas pagam.

O caso é que se trata dum atraso, porque a maioria das empresas, que se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam parade sempre que as companhias papeleiras, que não são dirigidas por proletários, mas por argumentários, lhes exigem o que querem—que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, bem mais onerosas, lhes são feitas, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, mas pagam.

O caso é que se trata dum atraso, porque a maioria das empresas, que se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam parade sempre que as companhias papeleiras, que não são dirigidas por proletários, mas por argumentários, lhes exigem o que querem—que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, bem mais onerosas, lhes são feitas, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, mas pagam.

O caso é que se trata dum atraso, porque a maioria das empresas, que se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam parade sempre que as companhias papeleiras, que não são dirigidas por proletários, mas por argumentários, lhes exigem o que querem—que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, bem mais onerosas, lhes são feitas, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, mas pagam.

O caso é que se trata dum atraso, porque a maioria das empresas, que se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam parade sempre que as companhias papeleiras, que não são dirigidas por proletários, mas por argumentários, lhes exigem o que querem—que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, bem mais onerosas, lhes são feitas, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, mas pagam.

O caso é que se trata dum atraso, porque a maioria das empresas, que se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam parade sempre que as companhias papeleiras, que não são dirigidas por proletários, mas por argumentários, lhes exigem o que querem—que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, bem mais onerosas, lhes são feitas, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, mas pagam.

O caso é que se trata dum atraso, porque a maioria das empresas, que se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam parade sempre que as companhias papeleiras, que não são dirigidas por proletários, mas por argumentários, lhes exigem o que querem—que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, bem mais onerosas, lhes são feitas, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, mas pagam.

O caso é que se trata dum atraso, porque a maioria das empresas, que se opõem a elevar a percentagem de 60 para 80 e 60 %, respectivamente, para os tipógrafos dos jornais da manhã e da tarde, não deixam de publicar os seus jornais, não fazem *lock-out*, nem formam parade sempre que as companhias papeleiras, que não são dirigidas por proletários, mas por argumentários, lhes exigem o que querem—que querem—por cada quilo de papel. Sempre que tais exigências, bem mais onerosas, lhes são feitas, e isto verifica-se frequentemente, as empresas barafustam, mas pagam.

O conflito gráfico dos quadros dos jornais

A manutenção do conflito deve-se à intervenção do governo

O governo continua garantindo a liberdade de trabalho, obrigando os tipógrafos militares e alguns polícias a manufaturar os jornais, prolongando assim um conflito que, se não fosse a sua intervenção arbitrária, já teria terminado satisfatoriamente para as partes em litígio.

Nas colunas da *Imprensa*... da *Manhã* veio ontem um artigo em que aquela jogaçaria partiu. Um trecho há que não podemos deixar passar em claro, além de que já num manifesto por esta comissão distribuído ao público rebatemos essas asserções. Não é demais repetir, servindo-nos da sua prosa:

«Num dos jornais de Lisboa, a *Manhã*, que pode servir de exemplo para estes cálculos, a média diária do salário de um tipógrafo era de 3500. Em média cada braço recolhia por noite três escudos.»

Nunca aquele órgão falou com tanta verdade como ontem! Alguma vez devia dar a mão à palmaróia.

O esforço que os tipógrafos da *Manhã* dispõem para alcançar o salário diário de três escudos é de fácil demonstração. Exemplifiquemos: O tipógrafo daquela jornal trabalhava duas horas de dia, seis horas de noite, acrescendo este horário de duas horas e meia de excesso, que, por lei, representam cinco horas, pois que são pagas a dobrar. Este trabalho é executado de impretação. O tipógrafo para garantir o salário de três escudos (1) necessitava de trabalhar 10 horas e meia, acrescidas de duas horas e meia — excesso prescrito por lei — ou sejam 13 horas! Três escudos ganhava pois um tipógrafo naquele jornal, tendo, em média, treze horas de produção!

E' isto que nós temos dito e demonstramos já à direcção da *Imprensa*... da *Manhã*, com a descrição das férias ali percebidas, e que não sofreu contestação alguma.

E a *Imprensa*... da *Manhã*, vem confirmá-lo, omitindo, é claro, por conveniência, as horas que cada tipógrafo trabalha para receber os 3500.

Assim, e que est é certo.

—Constitui à Comissão Executiva que se está exercendo coacção, por parte da comissão delegada das empresas jornalísticas, sobre um jornal da manhã, que estava para se publicar, rompendo também assim com o lock-out que só interessava a certas empresas, satisfazendo as reclamações formuladas, conforme ficou assente entre o *Jornal do Comércio* e das Colónias e esta comissão.

Registamos o facto.

Não manufaturados jornais, além dos militares e polícias — exercício contrário a todas as normas da disciplina militar — está trabalhando um pupilo do exército em autorização, segundo nos informaram o director do estabelecimento, quando ainda o governo que sejam dispensados mais menores desse estabelecimento do Estado, o que não sucederá visto eles terem pouco tempo de aprendizagem.

de indignação, o crime da burguesia americana. Pratas, da classe corticeira, manifesta a revolta que lhe vai na alma, pelo facto que se comemora.

Foram aprovadas duas moções, depois de sofrerem leves emendas; uma sobre o manufaturado faltá de pão, que já não aparece, e outra protestando contra a lei perversa, resolvendo-se enviar dois telegramas de protesto, respectivamente ao ministro da agricultura e ao da justiça. Foi aberta uma subscrição para os presos por questões sociais, a qual produziu 2888.

Depois de terem discursado mais alguns camaradas, foi encerrada a sessão aos vivas à emancipação dos povos, à revolução social, à *Batalha* e ao Despertar, cantando-se por si os hinos de *A Batalha*, *Liberdade e Internacional*.

Em Ovar

O 1.º de Maio passou aqui sem ferir a atenção do proletariado que, desorganizado e analfabeto como é, ainda não compreendem o alcance moral da consagração desta data.

Apenas no dia 2, por não poderem chegar no dia 1 os delegados de Lisboa, a Delegação do Sindicato Ferroviário realizou uma sessão que esteve regularmente concorrida.

A sala do sindicato achava-se lindamente decorada com verdes e quadros alegóricos às reivindicações operárias. Nas paredes, formando trióficos, viam-se os jornais da classe ferroviária e a *Batalha*. Um quarteto abrillantou o acto, executando hinos revolucionários e lindas composições.

Todos os oradores, que abordaram as questões económica e social, foram muito aplaudidos. No final toda a assistência rompeu em frenéticos vivas à Revolução Social, à Confederação Geral do Trabalho, a toda a imprensa operária e muito especialmente à *Batalha*.

EM SERPA

SERPA, 4. — Promovida pela Associação dos Trabalhadores Rurais, realizou-se uma sessão comemorativa do dia 1.º de Maio, sendo aberta pelo camarada Bento José Veiga que, em seguida, deu a palavra ao camarada Alberto da Rosa Lucas, que descreveu a luta dos trabalhadores rurais a origem do 1.º de Maio e as suas consequências. Refere-se em seguida à revolução russa, tam edificamente caluniosa pelos parasitas e reacionários de todo o mundo, terminando por apelar para todos os presentes para que desenvolvam o mais possível a propaganda sindical, assim como a criação dos conselhos técnicos, que são uma das bases fundamentais que mais contribuem para tornar aptos os trabalhadores a tomarem conta dos seus destinos.

Depois seguir-se-á no uso da palavra diversos camaradas que se referiram ao desenvolvimento da associação.

Foi uma bela sessão de propaganda, e oxalá não se faça demorar a realização de mais algumas, que bastante falta nos fazem.

EM SILVES

SILVES, 5. — O 1.º de Maio aqui correu com regular animação. Houve sessão solene na Associação Corticeira, comemorando-se aquela data, sendo saudada a *Batalha* e feitos votos pela completa emancipação social.

Uma perseguição

Quando terminou o último movimento grevista em Cascais, algumas criaturas daquela localidade, no intuito de arranjarem alguém que servisse de bode expiatório, propalaram que o operário Francisco André Correa, operário metalúrgico, era bolchevista, fabricador de bombas e mais coisas terroristas, determinando por ele fazer parte da secção metalúrgica.

Chamado várias vezes pelo administrador do concelho, este ameaçou-o com prisão e desterro, mas como tal não foi possível, pois para isso não havia motivo, os industriais José Baltazar e Tarrado, arranjaram o pretexto, encorajando-o de desertar. Apresentou-se voluntariamente, para não dar trabalho nem encarecer aos inimicos varões, e conservam-no preso há um mês. Não sabe-se se esta prisão é para satisfazer os ruíns instintos dos citados industriais, ou tal motivo não deve custar o esclarecer-se a situação daquele operário.

Próximos de Arbitros Aviadores

Sob a presidência do dr. sr. Manuel António Pedro de Matos, escrivão Pina Vidal e os árbitros por parte dos patrões o sr. José Dias Sobral e pelos operários Joaquim da Silva, reuniu ontem este tribunal para audiências de conciliação.

António José de Moraes, contra o major Afonso e Manuel Carromba, ficou adiada por ter faltado o seu major Afonso Marcellino Proenca Basílio, contra Vitorino M. Estrela, ficou processado aguardando procura; Joaquim Mendes, contra Francisco de Sousa, foi arquivado o processo por ter falecido o autor; Diamantino Lourenço Teles, contra Gabriel da Costa Carneiro; João Gouveia, contra Alberto Liao Cabreira; Carlos Augusto, contra António Miguel Prazeres; Artur José Pergina Fragoso, contra João Diniz Pereira e José Jorge das Neves, contra Aguiar & C. a.

Todos estes processos ficaram aguardando promoção.

A próxima audiência é na 2.ª feira.

Vida cara e difícil

Pão a \$40 centavos

Antônio Monteiro Alves Júnior, rua do Benfim, 200, 2.º, diz-nos que na fábrica da ruia Mouraria, 108, estão vendendo o pão à razão de \$40; aqui fica o aviso aos incertos.

Em Évora

Faz-se sentir aqui falta de pão, vendendo-se, por vezes, bichas das padarias. Isto na capital do «celeiro do país».

Obras do novo Arsenal de Alentejo

Não estão funcionando regularmente as obras do novo arsenal, porque os preços que a junta fez aos trabalhos de tarefa, são irrisórios, tendo o engenheiro Sequeira despedido os pedreiros que lhe fizeram dizer que com tais preços não ganhavam o que não

andam engrangados e mestres enganando pedreiros, carpinteiros e canteiros, aos quais prometem mimos e fundos, ficando avisados os camaradas para que não caiam no logro.

A junta não tem ao seu dispor os profissionais necessários para a conclusão da mesma.

As obras do novo Arsenal de Alentejo

Não estão funcionando regularmente as obras do novo arsenal, porque os preços que a junta fez aos trabalhos de tarefa, são irrisórios, tendo o engenheiro Sequeira despedido os pedreiros que lhe fizeram dizer que com tais preços não ganhavam o que não

andam engrangados e mestres enganando pedreiros, carpinteiros e canteiros, aos quais prometem mimos e fundos, ficando avisados os camaradas para que não caiam no logro.

A junta não tem ao seu dispor os profissionais necessários para a conclusão da mesma.

As obras do novo Arsenal de Alentejo

Não estão funcionando regularmente as obras do novo arsenal, porque os preços que a junta fez aos trabalhos de tarefa, são irrisórios, tendo o engenheiro Sequeira despedido os pedreiros que lhe fizeram dizer que com tais preços não ganhavam o que não

andam engrangados e mestres enganando pedreiros, carpinteiros e canteiros, aos quais prometem mimos e fundos, ficando avisados os camaradas para que não caiam no logro.

A junta não tem ao seu dispor os profissionais necessários para a conclusão da mesma.

As obras do novo Arsenal de Alentejo

Não estão funcionando regularmente as obras do novo arsenal, porque os preços que a junta fez aos trabalhos de tarefa, são irrisórios, tendo o engenheiro Sequeira despedido os pedreiros que lhe fizeram dizer que com tais preços não ganhavam o que não

andam engrangados e mestres enganando pedreiros, carpinteiros e canteiros, aos quais prometem mimos e fundos, ficando avisados os camaradas para que não caiam no logro.

A junta não tem ao seu dispor os profissionais necessários para a conclusão da mesma.

As obras do novo Arsenal de Alentejo

Não estão funcionando regularmente as obras do novo arsenal, porque os preços que a junta fez aos trabalhos de tarefa, são irrisórios, tendo o engenheiro Sequeira despedido os pedreiros que lhe fizeram dizer que com tais preços não ganhavam o que não

andam engrangados e mestres enganando pedreiros, carpinteiros e canteiros, aos quais prometem mimos e fundos, ficando avisados os camaradas para que não caiam no logro.

A junta não tem ao seu dispor os profissionais necessários para a conclusão da mesma.

As obras do novo Arsenal de Alentejo

Não estão funcionando regularmente as obras do novo arsenal, porque os preços que a junta fez aos trabalhos de tarefa, são irrisórios, tendo o engenheiro Sequeira despedido os pedreiros que lhe fizeram dizer que com tais preços não ganhavam o que não

andam engrangados e mestres enganando pedreiros, carpinteiros e canteiros, aos quais prometem mimos e fundos, ficando avisados os camaradas para que não caiam no logro.

A junta não tem ao seu dispor os profissionais necessários para a conclusão da mesma.

As obras do novo Arsenal de Alentejo

Não estão funcionando regularmente as obras do novo arsenal, porque os preços que a junta fez aos trabalhos de tarefa, são irrisórios, tendo o engenheiro Sequeira despedido os pedreiros que lhe fizeram dizer que com tais preços não ganhavam o que não

andam engrangados e mestres enganando pedreiros, carpinteiros e canteiros, aos quais prometem mimos e fundos, ficando avisados os camaradas para que não caiam no logro.

A junta não tem ao seu dispor os profissionais necessários para a conclusão da mesma.

As obras do novo Arsenal de Alentejo

Não estão funcionando regularmente as obras do novo arsenal, porque os preços que a junta fez aos trabalhos de tarefa, são irrisórios, tendo o engenheiro Sequeira despedido os pedreiros que lhe fizeram dizer que com tais preços não ganhavam o que não

andam engrangados e mestres enganando pedreiros, carpinteiros e canteiros, aos quais prometem mimos e fundos, ficando avisados os camaradas para que não caiam no logro.

A junta não tem ao seu dispor os profissionais necessários para a conclusão da mesma.

As obras do novo Arsenal de Alentejo

Não estão funcionando regularmente as obras do novo arsenal, porque os preços que a junta fez aos trabalhos de tarefa, são irrisórios, tendo o engenheiro Sequeira despedido os pedreiros que lhe fizeram dizer que com tais preços não ganhavam o que não

andam engrangados e mestres enganando pedreiros, carpinteiros e canteiros, aos quais prometem mimos e fundos, ficando avisados os camaradas para que não caiam no logro.

A junta não tem ao seu dispor os profissionais necessários para a conclusão da mesma.

As obras do novo Arsenal de Alentejo

Não estão funcionando regularmente as obras do novo arsenal, porque os preços que a junta fez aos trabalhos de tarefa, são irrisórios, tendo o engenheiro Sequeira despedido os pedreiros que lhe fizeram dizer que com tais preços não ganhavam o que não

andam engrangados e mestres enganando pedreiros, carpinteiros e canteiros, aos quais prometem mimos e fundos, ficando avisados os camaradas para que não caiam no logro.

A junta não tem ao seu dispor os profissionais necessários para a conclusão da mesma.

As obras do novo Arsenal de Alentejo

Não estão funcionando regularmente as obras do novo arsenal, porque os preços que a junta fez aos trabalhos de tarefa, são irrisórios, tendo o engenheiro Sequeira despedido os pedreiros que lhe fizeram dizer que com tais preços não ganhavam o que não

andam engrangados e mestres enganando pedreiros, carpinteiros e canteiros, aos quais prometem mimos e fundos, ficando avisados os camaradas para que não caiam no logro.

A junta não tem ao seu dispor os profissionais necessários para a conclusão da mesma.

As obras do novo Arsenal de Alentejo

Não estão funcionando regularmente as obras do novo arsenal, porque os preços que a junta fez aos trabalhos de tarefa, são irrisórios, tendo o engenheiro Sequeira despedido os pedreiros que lhe fizeram dizer que com tais preços não ganhavam o que não

andam engrangados e mestres enganando pedreiros, carpinteiros e canteiros, aos quais prometem mimos e fundos, ficando avisados os camaradas para que não caiam no logro.

A junta não tem ao seu dispor os profissionais necessários para a conclusão da mesma.

As obras do novo Arsenal de Alentejo

Não estão funcionando regularmente as obras do novo arsenal, porque os preços que a junta fez aos trabalhos de tarefa, são irrisórios, tendo o engenheiro Sequeira despedido os pedreiros que lhe fizeram dizer que com tais preços não ganhavam o que não

andam engrangados e mestres enganando pedreiros, carpinteiros e canteiros, aos quais prometem mimos e fundos, ficando avisados os camaradas para que não caiam no logro.

A junta não tem ao seu dispor os profissionais necessários para a conclusão da mesma.

As obras do novo Arsenal de Alentejo

Não estão funcionando regularmente as obras do novo arsenal, porque os preços que a junta fez aos trabalhos de tarefa, são irrisórios, tendo o engenheiro Sequeira despedido os pedreiros que lhe fizeram dizer que com tais preços não ganhavam o que não

andam engrangados e mestres enganando pedreiros, carpinteiros e canteiros, aos quais prometem mimos e fundos, ficando avisados os camaradas para que não caiam no logro